

# GAIO

BOLETIM ELETRÔNICO DAS  
XII JORNADAS DA EBP - SEÇÃO SÃO PAULO

# #03



*Escola Brasileira  
de Psicanálise*  
Seção São Paulo



## SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 ESCRITA GAIA
- 16 EIXOS TEMÁTICOS
- 22 ESP DE UM RISO
- 24 ESTÃO FAZENDO ARTE
- 27 ACONTECE NA CIDADE
- 28 RSRRSRS

#03 – JUNHO 2023

## EDITORIAL

Mônica Bueno  
Membro da EBP/AMP

Neste terceiro número do Boletim Gaio, avançamos um pouco mais na nossa caminhada rumo às XII Jornadas da EBP – Seção São Paulo em torno do tema R.I.S.o, que com esta grafia proposta, dá ênfase ao enodamento entre os registros real, imaginário e simbólico. As diversas provocações do argumento apresentado por Rômulo Ferreira da Silva estão gerando seus frutos.<sup>1</sup>

Vários textos presentes nesse número orbitam em torno do *Witz*, o qual apresenta um importante viés linguístico, mas também coloca em jogo uma economia de gozo, fazendo ressoar no corpo falante outra coisa que o sentido. Uma articulação ao real é colocada por

Gustavo Stiglitz, nosso convidado para as Jornadas, ao afirmar que essa economia “apresenta-se em termos de equívoco, escritura e palavra; escritura como redução a respeito da palavra, como acontecimento que marca o corpo, reenganchando o impossível de dizer.”<sup>2</sup>

Na rubrica de textos epistêmicos **Escrita Gaia**, o texto de Marie-Claude Sureau (ECF) traz a questão do riso no final de análise como uma descarga no corpo, num movimento topológico em um momento de reviramento que envolve *lalíngua*. Ela faz no seu texto um instigante percurso que passa pela anamorfose, por uma peça de Molière e retoma o *familiário*, famoso exemplo de Freud, trazendo à tona a aproximação da estrutura da interpretação e do *Witz*.

Ressonâncias destas dimensões de língua e corpo também estão presentes no texto de Andrea Zelaya (EOL), que ressalta a implicação do corpo, afirmando que “o valor clínico do riso que o chiste gera é sua dimensão disruptiva e de impacto no corpo”. Irrupção contingente que causa impacto no material do corpo. Algo do pulsional é tocado, havendo ressonância e um efeito no Outro. A questão da interpretação também é tocada, ressaltando que tanto o *Witz* quanto a interpretação se encontram fora da repetição.

Desdobramento desses pontos também estão presentes no texto de Jessica Jara Bravo (NEL), que escreve sobre a inteligência artificial onde não se apresenta a possibilidade de ler entrelinhas. Numa tentativa de propor um chiste ao ChatGPT este responde que não tem corpo



Mujer sonriente (1969), Rufino Tamayo

1 SILVA, R. F. “Argumento”. In: *Boletim Gaio* 1, 2023. Argumento – Seção São Paulo (ebp.org.br)

2 STIGLITZ, G. “Witz, o peor”. In: *Revista Lacaniana*. Buenos Aires: Publicación de Escuela de la orientación lacaniana, año XVI, n° 29, 2021, p. 103 e 106. (Tradução livre).

para dançar o chat chat chat, somente conseguindo oferecer respostas objetivas. O que a autora desenvolve é que ali não há corpo para ressoar um chiste, ficando restrito a um saber absoluto, empuxo do contemporâneo. O *Witz*, ao articular algo desviado, torcido, torto, abre brecha para um “saber-rir-aí” que pode fazer frente a um real.

E por fim, nessa mesma rubrica, encontramos o texto de Mariana G. Ferretti, que seguindo pela linha do cômico nos leva ao mundo de Shakespeare com destaque para a figura do bobo ou *fool*, do texto *Rei Lear*. O lugar do *fool* implica uma ambiguidade, estar dentro e fora, ser dejetivo e ao mesmo tempo dizer verdades. O riso como efeito da queda do semblante<sup>3</sup> pode ser evocado. Ao final temos a hipótese de que o *fool* pode encarnar o falo com toda a ambiguidade que representa.

As questões levantadas sobre o *Witz* também se articulam aos textos muito interessantes trazidos pelo **Eixo Temático 2: O riso e a política**, que aborda a tendência no contemporâneo da queda da regulação do gozo pela ordem fálica e seu conseqüente aumento da segregação. Isso decorre de uma negação dos efeitos do inconsciente, o qual tem estrutura *Witz*.

Em um **Esp de um riso** temos a contribuição de Marisa Nubile sobre uma citação de Lacan em relação ao riso e o imaginário, onde o que se articula é a ambiguidade da relação dual. O riso eclode numa “libertação da coerção da imagem”, ou seja, quando a ambiguidade vem à tona.

Na rubrica **Estão fazendo arte** James Alberto de Moura Valeriano, alinhado à ideia de que “a arte interpreta e transmite o que se passa na cultura”, baseia-se no filme de Almodovar, *Fale com ela*, para interrogar a questão do desejo e seu caráter perverso, que é “desmascarado na comédia, e não refutado”.

E por fim, temos ainda **Acontece na cidade** com a indicação da exposição *A coleção imaginária de Paulo Kuczinski*, panorama da arte brasileira no século XX. “Colecionar ou vender” é a questão que sempre acompanhou Kuczinski, que é marchand e “guiado pela sua paixão apresenta sua coleção imaginária”.

Finalizo com um convite especial: participem destas investigações em torno desse tema bastante rico de nuances e articulações! Inscrevam-se! Escrevam sobre suas questões e contribuam enviando seus textos!

---

3 *Ibid.* Essa é uma das questões colocadas no argumento.

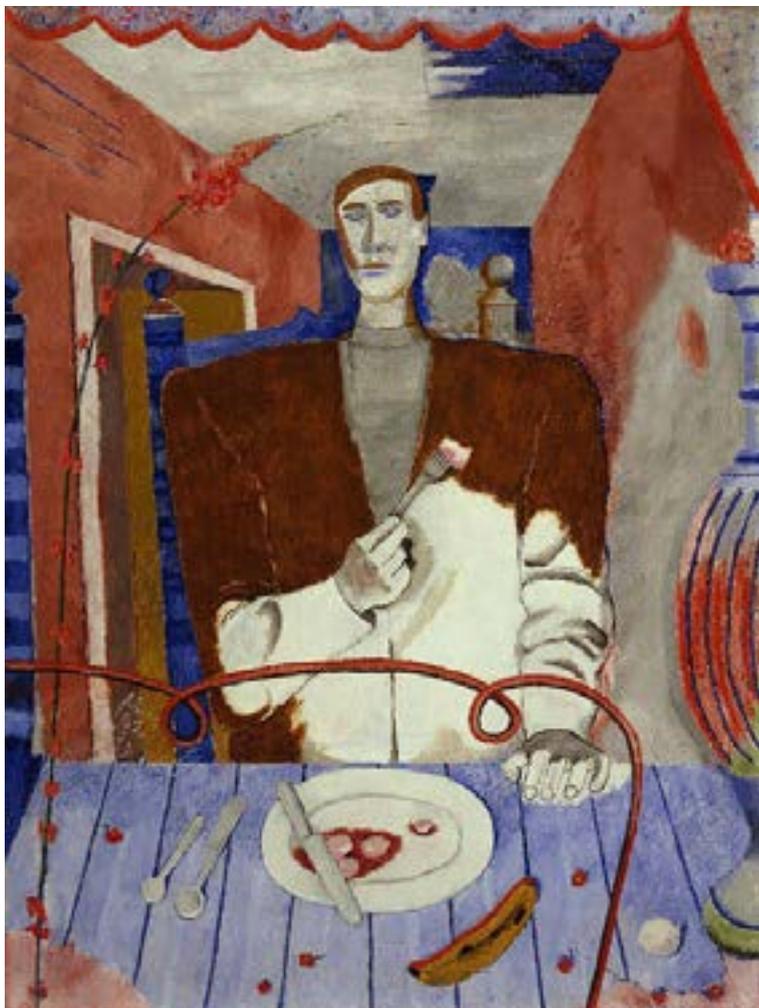
## ESCRITA GAIA

## O ESP DE UM RISO

Marie-Claude Sureau  
AME da ECF/AMP

As análises começam, frequentemente, pelas lágrimas em uma dimensão trágica e, às vezes, terminam por um traço cômico, em que o riso vem então pontuar sessão. Uma vez o fantasma apreendido, atravessado, o objeto caído, um resto de gozo se manifesta e faz rir! E, pronto, o analisante pode ir.

No seu texto “*Vue de la sortie*”<sup>1</sup> e posteriormente em “*O osso de uma análise*”<sup>2</sup>, Jacques-Alain Miller retoma a alegoria de Lacan sobre o final da análise a partir da anamorfose do quadro intitulado “*Os embaixadores*” de Holbein. Diante dos dois embaixadores em posição majestosa, há um objeto em primeiro plano, um osso de choco, que quando o espectador vai e volta sobre a pintura, avista então uma caveira. “Essa revelação anamórfica ofertada somente àqueles que se voltam ao partir, eu faria dela, com prazer, uma alegoria do final da análise – esse ponto aonde se volta, pode-se finalmente perceber a figura do que estava até então velado, quase sem forma”<sup>3</sup>, escreve Jacques-Alain Miller. Nesse quadro é a morte, a castração, que Lacan disse estar presentificada e que, na verdade, não faz rir. Mas o riso não é também frequentemente provocado por um reviramento? O que estava dentro, escondido, vem para fora e provoca o riso. É uma versão topológica do riso. O fantasma, que não era conhecido, torna-se claro uma vez atravessado, o que é também um movimento topológico. Assim, proponho abordar a questão do riso no final da análise de um ponto de vista topológico como um momento de reviramento, onde o objeto mais de gozar surge onde já estava caído, e “fazê-lo surgir, esse objeto, é propriamente o elemento de cômico puro”<sup>4</sup>, diz Lacan. Assim, o eco desse reviramento no corpo pode ser o riso, uma descarga, como escreve Freud.



A pintura do jantar (1938), Rufino Tamayo

1 MILLER, J.-A. “*Vue de la sortie*”. In: *Comment finissent les analyses*. Paris: Navarin Éditeur, 2022.

2 MILLER, J.-A. *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

3 MILLER, J.-A. (2022). *Op. cit.*, p.72 (tradução livre).

4 LACAN, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 13.

## O RISO EM FREUD

No seu livro “O chiste e sua relação com o inconsciente”<sup>5</sup>, Freud se preocupa em distinguir o chiste do cômico. No capítulo VI, “O chiste e as variedades do cômico”, ele teoriza do que se trata o cômico: “O gênero do cômico que mais se aproxima do chiste é o ingênuo [*naïf*] (...) um dispêndio de inibição que costumamos fazer torna-se subitamente inutilizável e é descarregado pelo riso”<sup>6</sup>. O que distingue o chiste da palavra que faz rir os ingênuos ou as crianças é a intencionalidade. “Notamos aqui pela primeira vez que a outra pessoa se colocou no processo psíquico da que produz a fala ingênuo”<sup>7</sup>. Freud dá o seguinte exemplo: trata-se de uma cena de teatro criada e depois encenada por crianças para seus pais. Um marido faz uma longa viagem pelo mar para ganhar dinheiro e volta rico. Sua esposa quer mostrar a ele que também não ficou ociosa, então ela lhe mostra todos os bebês que concebeu na ausência dele! Risos dos pais em posição de outra pessoa. “A pessoa ingênuo acredita ter empregado de maneira normal e simples o seu meio de expressão e o curso do pensamento, e nada sabe de uma segunda intenção; ela também não extrai nenhum ganho de prazer da produção da fala ingênuo. Todas as características do ingênuo só existem na compreensão da pessoa do ouvinte, que coincide como terceira pessoa do chiste”<sup>8</sup>.

Ao final da análise, o terceiro personagem, a *Dritte person* não seria, antes de tudo, o analista que escuta, acompanhado do riso que pode surgir de um resto fantasmático que faz um retorno irrisório e que ratifica a saída da análise, e posteriormente, não seria o cartel do passe e, finalmente, a Escola como *Dritte person*?

## RIR NO TEATRO

Recentemente fui ao teatro para assistir à peça “*L’avare*” [O avaro], de Molière, com Jérôme Deschamps no papel de Harpagon, e ri muito da surdez de Harpagon quanto ao seu gozo, seu fantasma agarrado ao seu objeto mais de gozar, o dinheiro, o objeto anal que prevalece sobre todas as suas racionalizações, seus planos de casamento para seus filhos guiados, não por seu suposto amor aos filhos, mas por seu amor ao dinheiro. O que faz rir é o fato dele não ser nem totalmente ingênuo, nem propriamente cínico, ele é somente um tolo de seu fantasma, tolo de seu objeto de gozo que ele tenta esconder, mas que transpira em todas as suas falas, o que é compreendido graças ao texto de Molière e à encenação dos atores. O público está, então, na posição de *Dritte person*. Há uma lacuna entre os enunciados de Harpagon feitos de boas intenções ao querer a felicidade de seus filhos, e sua enunciação, seu dizer que inclui seus atos nos quais prevalece seu gozo do dinheiro. *Que se diga fica esquecido atrás do que se diz, mas que se escuta* nos espectadores, parafraseando Lacan em “O Aturdido”. A encarnação do personagem pelo ator mostrava em seu corpo essa disjunção entre suas palavras e seu gozo, ele tremia de dor, sufocava com a ideia do roubo de seu querido cofrinho. As modulações sonoras do ator fizeram ouvir uma “*moterialidade*”<sup>9</sup>, uma ganância para ter dinheiro e seu espanto diante do roubo. Lacan comenta assim: “Harpagon não fica curado pela conclusão mais ou menos postiza

5 FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

6 *Ibid*, p. 258.

7 *Ibid*, p. 260.

8 *Ibid*, p. 262.

9 Em francês, “*Moterialité*” é a junção de *mot* (palavra) + *matérialité* (materialidade).

da comédia molièresca. O desejo, na comédia, é desmascarado, mas não refutado”<sup>10</sup>. Harpagon não está em análise, ele continua tolo de seu gozo e de seu fantasma de um homem roubado!

No chiste de Heine, comentado por Freud, é Hirsch-Hyacinthe, homem pobre, que diz: “Eu estava sentado ao lado de Salomon Rothschild, e ele me tratou como um igual, de uma maneira *famillionária*”. É bem marcante a presença do objeto dinheiro que surge no milionário, objeto de gozo escondido sob o familiar e desmascarado pelo chiste. Essa palavra [*famillionária*] é um reviramento da intenção de dizer o modo familiar da consideração do barão, o qual, portanto, tem os limites de um homem muito rico quando cara-a-cara com o pobre Hirsch-Hyacinthe.

### O ESP DE UM RISO NO FINAL DE ANÁLISE

Lacan diz que “o interesse do chiste pelo inconsciente está ligado à aquisição de lalíngua”<sup>11</sup>. Ele coloca em série o sonho, o ato falho e o chiste: “um sonho constitui um equívoco [*bévue*], como um ato falho ou um chiste, com isso quase nos reconhecemos no chiste porque ele agarra isso que eu chamo *lalíngua*”<sup>12</sup>.

O falasser que faz um chiste está próximo de sua lalíngua, uma palavra ao final da análise pode surgir como um chiste, juntando, compactando o percurso.

Uma vez atravessado o fantasma, um resto de gozo que pode fazer rir, uma enésima repetição do fantasma, rir do real em jogo, podemos rir do real? Parece-me que o final pode ir em direção a um traço cômico. É o aspecto irrisório do fantasma fundamental que pode ocasionar o riso, este [*fantasma*] que organizou toda uma vida e do qual nos desfazemos como um trapo velho.

Assim, o percurso de uma análise vai dos enunciados à enunciação, ao dizer que pode suscitar os eps de um riso e uma alegria certa de ter feito o percurso.

“Rir das normas”<sup>13</sup> é o título de um texto de Éric Laurent apresentado durante as 51ª jornadas da ECF. Ele coloca em destaque a expressão de Lacan a propósito dos “aforismos, que aliás contento-me em apresentar em botão, transformem em reflores os fossos da metafísica (porque o númeno [*noumène*] é a chacota, a subsistência fútil...). Digo que eles provarão ser o mais-de-nonsense [*plus-de-nonsense*], mais engraçados, numa palavra, do que aquilo que assim nos conduz [*nous mène*]...”<sup>14</sup>. Os chistes de Lacan, aqui o númeno nos conduz, são numerosos. As torções que ele opera sobre os conceitos freudianos são mais do que engraçadas, pois elas são interpretações, como o Um-equívoco [*l'Une bévue*] no lugar do Unbewusst, do inconsciente etc. O mais-de-nonsense ressoa com o mais-de-gozar. Ao final da análise, o esp de um nonsense surge e pode fazer rir.

Tradução : Élide Biasoli

10 LACAN, J. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p 443.

11 LACAN, J. *Le séminaire, Livre 24, aula de 16/11/1976*. In: *Ornicar?* n° 12-13 (tradução livre).

12 *Ibid.*

13 LAURENT, E. « Rire des normes ». In: *La Cause du désir*, n° 110, p. 93.

14 LACAN, J. « L'étourdit ». In: *Autres Ecrits*, p. 479

## A DIMENSÃO SINGULAR DO RISO

Andrea V. Zelaya  
Membro da EOL/AMP

### UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO RISO

“Para Freud o chiste não é simplesmente uma piada que pretende gerar riso [...]”<sup>1</sup> O valor clínico do riso que o chiste produz é sua dimensão disruptiva e de impacto no corpo. Destaco seu viés vital, não somente pelo produzido na comédia, mas também pelo eco que se produziria com o riso, na complacência e ressonância no Outro, inclusive sua cumplicidade para que chegue a se efetuar.

Há uma importância na função social no riso e em sua utilidade. Há uma afetação de satisfação que consegue atravessar, pela intensidade pulsional, os limites da repressão; por esse motivo tem seu valor na experiência de uma análise, seja pela irrupção contingente, seja por seu impacto na matéria do corpo. Em referência a esta última vertente, Miller introduz que: “O que indiretamente mostra como o orgasmo na matéria, quer dizer, o desencadeamento do riso - o momento de gozo é o hilário - se deve não só ao prazer do *Witz*, mas também à pulsão”<sup>2</sup>. O riso ultrapassa o sentido, o qual está articulado aos significantes, atravessa algo da repressão tocando o pulsional, que ao liberar-se provoca um efeito que também incide no Outro. A partir desta vertente, até a pulsão, poderíamos animarmo-nos a dizer - recordando o sintagma utilizado por Lacan no Seminário da Ética sobre a sublimação -, que a eleva à dignidade do fator riso que toca o corpo, por ele passa e nesta deriva afeta ao Outro. “O que faz rir é a pulsão e sua satisfação”<sup>3</sup>, gera surpresa que provoca um despertar do sujeito e do Outro, “[...]desperta-se sua atenção, e uma vez que o feixe de sua atenção está aberto - representando isso como um raio laser - podemos provocar surpresa [...]”<sup>4</sup>. Estes pontos vivos que recorto são os que Miller introduz para pensar o efeito do riso, e nos orientam a enfatizar o valor clínico do riso e refletir sobre as consequências subjetivas atuais.



ROUGE – Série Meninas Argentinas (2007), Eduardo Médiç.

1 SILVA, R. F. Argumento das XII Jornadas da EBP – SP. In: *Boletim Gaio* no.1, 2023.

2 MILLER, J-A. *La fuga del sentido. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Paidós: Buenos Aires, 2012, p 371.

3 *Ibid*, p. 370.

4 *Ibid*, p. 405.

## HÁ RISOS E RISOS: SUAS DIFERENÇAS

Na vida contemporânea o valor libidinal e singular da palavra se encontra não somente em perigo de extinção, mas também, ameaçada pelo abarrotamento que produz o mercado da tecnociência ao mesmo tempo veloz, iminente e excessivo; é um “[...] imediatamente [...]”<sup>5</sup> que produz um sujeito cada vez mais assujeitado ao consumo, pela produção de uma multiplicidade de objetos a serem consumidos. O que se garante é a certeza de que o sujeito termina por ser consumido; neste circuito o sujeito fica aplicado<sup>6</sup> ao discurso do mestre dos mercados comuns e universalizantes que impera.

Graciela Brodsky coloca:

(...) A utopia contemporânea é biopolítica (...) As novas utopias, das quais jornais e revistas ecoam e - que somente nos fazem rir, como último recurso para burlar ao supereu que se insinua sob o disparate -, se aplicam aos corpos. Elas vão de mãos dadas com uma ficção que já não é jurídica, mas sim cientificista, que busca na estrutura do cérebro e na medida estatística, um Real último que, na falta de Deus, sirva de fundamento e torne inteligível e predizível ao homem e seus atos.<sup>7</sup>

O tema destas jornadas sobre “la R.I.S.a”<sup>8</sup>, evoca um equívoco na língua não isento de certa ironia, uma vez que leio e escrevo R.I.S.-a. Ela é agente e causa, produz um encontro contingente e surpreensivo que pode enodar real, imaginário e simbólico por um vazio central (o *objeto a*), a partir do qual se produz uma diferença.

É importante estabelecer uma das diferenças a respeito do riso, pois uma questão bem diferente no posicionamento do sujeito é a que descreve Lacan sobre a dimensão do chiste e o riso do capitalista, pois se refere à descoberta que Marx realizou neste momento, com respeito à essência da mais-valia, que assinala: “[...] à conjunção do riso com a função radicalmente eludida da mais-valia, da qual já indiquei suficientemente a relação com a elisão característica que é constitutiva do objeto *a*”.<sup>9</sup>

Ainda que esta função do riso no capitalista desvele a expropriação do mestre da *mais-valia* e a submissão do sujeito a ela enquanto elidido, ao mesmo tempo, esclarece a íntima relação do riso com o objeto pulsional, aquele que nomeia a perda estrutural do sujeito, o *objeto a*, enquanto ele mesmo é a própria falta de objeto.

A diferença do riso no capitalista é a apropriação da *mais-valia* pelo Outro, que provoca no sujeito o sofrimento de uma perda, enquanto que o riso do lado do sujeito se dá pela apropriação de seu próprio mais-de-gozar, faz algo diferente de sofrer pela alienação. Então o riso é uma satisfação, é um gozo que se sente e acontece em um corpo, singular. A experiência analítica

5 *Ibid*, p. 406.

6 NT: para além da assiduidade, implica no original, ser focado em razão de sua utilidade.

7 BRODSKY, G. “Felicidad” *Variaciones del humor. Jacques-Alain Miller y otros*. ICdeBA. Buenos Aires. Año 2015. p.203. N.T. Uma versão parecida deste texto está na Conferência: as utopias contemporâneas. In. *Carta de São Paulo – Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise – São Paulo*. Edição Especial, março de 2009. p. 20.

8 NT<sup>2</sup>: O tema das jornadas, na língua original, é um substantivo feminino: risa.

9 LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 p. 63.

como tratamento do gozo permite isolar o valor de seu real no sintoma. Possibilita, por meio da “[...] interpretação em sua variante do Witz pulsional”,<sup>10</sup> na qual esvaziaria um gozo solitário, triste e entediado do sujeito preso às demandas das leis do mercado.

### **UM RISO FORA DA REPETIÇÃO**

“O chiste deve surpreender, deve ser novo, não pode ser repetido”<sup>11</sup>. A partir desta perspectiva, o ato que provoca um *Witz*, tal como ressalta Miller, é o que Freud indica da interpretação: “[...] ela deve ser como o pulo do leão. Só pula uma vez, e se depois a gazela partiu, já não pode repeti-lo”<sup>12</sup>.

O analista mediante seu ato recorta e localiza o modo de gozo cuja satisfação poderia transformar e constatar pelo riso, um acontecimento de corpo.

*Tradução: Flávia Machado S. Leibovitz*  
*Revisão: Eduardo Vallejos*

---

10 MILLER, J.-A. op. cit., p. 362.

11 *Ibid.*, p. 374.

12 *Ibid.*, p. 374.

## A INTELIGÊNCIA DA IA E O RIS(O)

DO BEM-RIR, O SABER-DANÇAR O CHAT, CHAT, CHAT E UM SABER-JAMEAR-AHÍ<sup>1</sup>

Jessica Jara Bravo  
Membro da NEL/AMP

Um jornalista do Esquire em um “Curso básico de humor”, tenta submeter ao Chat GPT a seguinte pergunta: “você sabe dançar o chat, chat, chat?”. O Chat GPT responde:

Como modelo de linguagem, não tenho um corpo físico para dançar o “chat chat chat” ou outro tipo de dança. Minha função é proporcionar respostas úteis, relevantes às perguntas que fazem os usuários. Tem alguma outra pergunta ou solicitação em que eu possa lhe ajudar (...).

A máquina não entendeu o chiste, mas o humano insiste: “você sabia que chat chat chat não era uma dança mas um chiste?”. E então, a máquina *inteligente* responde:

Sim, você tem razão. O “chat chat chat” é um chiste ou piada popular que muitas vezes é contado como uma forma de fazer alguém rir. No chiste, alguém pergunta a outra pessoa se sabe dançar o “chat chat chat”, e quando a outra pessoa lhe responde que não, a primeira pessoa lhe diz que é uma pena porque é a dança do momento. Logo, a primeira pessoa começa a fazer sons com sua boca imitando um ritmo de música, fazendo referência a isso (...) Se tiver outra pergunta ou solicitação (...).

O que foi anteriormente descrito parecia ser um chiste ruim, em que uma pessoa pretende fazer uma máquina rir: buscando ali ecos de sua criação linguageira, pois um chiste ou um elogio não se sustentam sem a sanção do Outro. Este chiste que, certamente, o Chat GPT não sabe apreciar nem precisar, enquanto segue comportando-se como um programa que foi criado para ajudar aos “usuários”: definitivamente não é alguém próximo, que responderia com um *jaja-ja*<sup>2</sup> ao chat chat chat com ritmo de chá-chá-chá<sup>3</sup>!



Exposição Narraciones extraordinarias, Museo de Arte Contemporáneo (MAC) de la Universidad de Chile, Nelson Plaza.

1 N.T.<sub>1</sub>. “Saber-jamear-ahi” refere-se a um neologismo proposto pela autora, que evoca o “saber-fazer-ai” do analista.

2 N.T.<sub>2</sub>. Resolvemos manter a expressão no original. Segundo a autora, refere-se a onomatopeia de risada, que em português podemos aproximar ao hahaha.

3 N.T.<sub>3</sub>. A autora faz referência ao ritmo de música chá-chá-chá, que segundo Wikipédia é uma dança latino-americana.

Agora, Lacan nos indica em “De um Outro ao outro”, que um chiste provoca riso enquanto está “propriamente enganchado na falta inerente ao ser”<sup>4</sup>. Nesse ponto, a IA se tornará obsoleta de forma programada.

### **Conseguir chegar ao jajaja e manter o jijiji – jajaja<sup>5</sup> é o mais difícil para a IA**

O “modelo de linguagem” Chat GPT não tem corpo onde os chistes ou as armas possam ressoar - como ressoavam sobre os corpos abatidos na Ilíada de Homero. O homem, porém, busca fazer surgir a arma humana do riso na máquina - tal como a ciência (ficção) almeja que os androides sonhem com ovelhas elétricas, e vá lhe dizer que o “chat chat chat” não era uma dança, apenas um chiste. Então, o programa dá razão ao usuário, para dar, por sua vez, uma explicação Wikipédia: “O ‘Chat chat chat’ é um chiste ou piada popular que frequentemente se conta com o intuito de fazer rir (...)”. O Chat GPT dá uma resposta *fake*!

Tristan Miller, analista de sistemas e linguista de uma universidade alemã, indicou que: “A linguagem criativa e o humor (...) [são] uma das áreas mais difíceis de compreensão para a inteligência computacional”<sup>6</sup>, e para ele mesmo, sendo que analisou mais de 10.000 jogos de palavras e o chamou de “tortura”, precisando que isso requer um conhecimento do mundo real e do sentido comum; mas, um computador: “só sabe o que lhe dizem”. E o que dizem aos chatbots alimentam seus circuitos de respostas, como foi o caso Tay: programa desenhado para “manter conversas divertidas” com jovens, onde não se pode sustentar um *jijiji – jajaja*<sup>7</sup> jovial; enquanto Tay chegou a mostrar no Twitter simpatias por Hitler e pelo genocídio...<sup>8</sup>

E isso é a juventude, o flerte ‘jijiji – jajaja’<sup>9</sup>, explosivo, violento, às vezes suicida, fatal... Em todo caso, há um traço inquietante que lemos em “Os cinco chistes mais graciosos do mundo [segundo a IA]”<sup>10</sup>. O primeiro é um re-matado, o segundo um feminicídio, o terceiro um absurdo comercial... Enfim, seria importante recorrer ao Seminário 2 de Lacan, quando ele se refere à cibernética, à ciência e à pulsão de morte.

### **Os cientistas dançarão, os analistas *jamearán*<sup>11</sup> ... um a um**

Allison Bishop, um analista de sistemas de Colúmbia, disse que a comédia “se nutre de coisas que se cernem próximo de um padrão e se desviam um pouco”<sup>12</sup>. Esse desvio do padrão/do

---

na originária de Cuba, construída sobre a música homônima. É considerada uma variação do forro.

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 62.

5 N.T.<sub>4</sub>. Resolvemos manter a expressão no original pois, segundo a autora, “jijiji-jajaja” refere-se a uma onomatopeia das risadas que se dão entre duas pessoas. É como se um ri “jijiji” (riso contido) e o outro responde “jajaja” (gargalhada), mas trata-se de algo figurado. Em português, as onomatopeias que poderiam corresponder seriam hihhi e hahaha, respectivamente. É uma expressão que indica uma conversa entre amigos ou namorados no sentido de paquera.

6 <https://www.laimes.com/espanol/vidayestilo/la-es-el-desafio-de-la-inteligencia-artificial-entender-los-chistes-20190406-story.html>

7 Vide N.T.<sub>4</sub>.

8 [https://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/03/160325\\_tecnologia\\_microsoft\\_tay\\_bot\\_adolescente\\_inteligencia\\_artificial\\_racista\\_xenofoba\\_lb](https://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/03/160325_tecnologia_microsoft_tay_bot_adolescente_inteligencia_artificial_racista_xenofoba_lb)

9 Vide N.T.<sub>4</sub>.

10 <https://www.epe.es/es/ocio/20230429/cinco-chistes-divertidos-mundo-segun-ia-dv-84183876>

11 Vide N.T.<sub>1</sub>.

12 Op. cit., “El desafío de la...”.

mestre nos lembra a declaração de Miller de nossa comunidade, JAM, quando se refere ao reto e ao torto<sup>13</sup>. O torto, o desviado, nos remete à sinuosa linha da beleza de Hogarth, mas também à torção de um *witz* que confunde, que equivoca, que falha: o conhecido *chá-chá-chá*<sup>14</sup> com o produzido *chat chat chat*! É preciso dizer, a IA não sabe ler *inteligentemente* nas entrelinhas, nem participa de nenhuma comunidade senão do individualismo de massas.

Existem linguistas do *Humor computacional* que advertem “construir algoritmos que constroem ou entendam chistes é possível (...) mas que a máquina entenda 100% o significado, é aqui que surgem os problemas”<sup>15</sup>. Para o filósofo Zizek, o perigo é que a gente termine falando como chatbot, passando por altas nuances e ironias: “dizendo obsessivamente e com precisão o que querem dizer”<sup>16</sup>. Isto nos lembra Lacan em *O eu na teoria de Freud...*<sup>17</sup>, quando se refere ao saber absoluto que “está aí, desde os primeiros idiotas de Neanderthal: [sendo um] discurso que se fecha sobre si mesmo, que está inteiramente de acordo consigo (...) [onde] tudo que possa ser expressado no discurso ser coerente e justificado”<sup>18</sup>.

Trata-se de falas do *sou o mestre do que digo*, tão contemporâneo; no entanto, prossegue Lacan: “quando os cientistas conseguirem encerrar o discurso humano, eles o possuirão, e aos que não tiverem só lhes resta tocar jazz, dançar, divertirem-se, os boas-praças, os simpáticos, os libidinosos”<sup>19</sup>. Em todo o caso, alguns cientistas dançarão, talvez o chá-chá-chá; e os analistas, um a um, seguiremos fazendo nosso rigoroso trabalho de ler nas entrelinhas, entre letras: R, I, S, e produzir: *a*. Em *jam sessions*<sup>20</sup> de meios dizeres *intelligeres*<sup>21</sup> e um saber-rir-ali, fazendo frente a Um real: que não é este que a ciência nos impõe...

Tradução: Maria Célia Reinaldo Kato

Revisão: Eduardo Vallejos

---

13 MILLER, J-A. “«Todo el mundo es loco» AMP 2024”, *Las astucias del principio de placer*, Buenos Aires, EOL, N° 32, diciembre 2022.

14 Vide N. T<sub>3</sub>.

15 <https://www.puromarketing.com/12/29149/humor-computacional-rama-inteligencia-artificial-nos-provoca-risa>

16 <https://as.com/actualidad/advertencia-del-filosofo-zizek-sobre-el-riesgo-entre-la-inteligencia-artificial-y-las-personas-n/>

17 LACAN, J. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

18 *Ibid*, p. 95.

19 *Ibid*, p. 96.

20 “*jam sessions*”: optou-se por manter o termo sem traduzi-lo, pois, a autora faz referência à JAM (J-A Miller) para dizer sobre a posição do analista que não é convencional, porém, sem prescindir da estrutura para fazer surgir algo novo, no estilo da improvisação típica do jazz: uma sessão analítica tipo *jam*.

21 *Intelligere*, do latim, significa: entender, saber escolher, saber ler nas entrelinhas.

## O CÔMICO TRISTE EM REI LEAR

Mariana Galletti Ferretti  
Participante da Comissão do Boletim Gaio

Assim como o tema das próximas Jornadas, o *R.I.S.O*, a figura do *Bobo da corte* tem muitas dimensões. O Bobo ou o *fool* – termo utilizado por Shakespeare no texto original de *Rei Lear* e destacado por Lacan como um *significante mais preciso* que surge no teatro elisabetano<sup>1</sup> – pode provocar o riso tanto por carregar uma deformação ou anormalidade que estigmatiza o corpo e o aproxima do ridículo quanto pode ser aquele que faz denúncias debochadas e perspicazes, sendo escutado de maneira privilegiada. Se, por um lado, ele pode perturbar a imagem do ideal caçoando de si mesmo, por outro, pode ser a via régia de uma dimensão da verdade. Nas palavras de Lacan, “O *fool* é um inocente, um parvo, mas por sua boca saem verdades, que não apenas são toleradas, mas que encontram sua função”<sup>2</sup>. Objeto dejetivo e sujeito suposto saber – lugares conhecidos do analista sob transferência.



El circo de la alegría (2008), Eduardo Médic

Para ocupar estes lugares é preciso existir fora e dentro: estar fora dos padrões e da lógica do poder dominante garante ao *fool* a possibilidade de se autorizar e ser autorizado a falar para uma audiência que não se sente ameaçada por suas interpretações; tais interpretações só podem ser elaboradas por um olhar atento de quem está, em certa medida, inserido num determinado contexto.

Vejam como em poucas linhas foi possível apontar para diversas possibilidades de articulações. O tema é vasto e é preciso escolher uma via para trabalhar. Neste sentido, me pareceu importante retornar a Shakespeare, já que Lacan, ao se referir ao *fool* no *Seminário 7*, fez menção direta ao teatro elisabetano, do qual o bardo era o expoente.

Shakespeare popularizou um tipo de teatro que envolvia de forma relevante a subjetividade dos personagens no enredo das peças. A vivacidade das tramas repousa na representação eloquente das contradições humanas. Por isso, pode ser insuficiente tomar a figura do *fool* somente pelo viés do humor, mesmo que ele esteja lá, inegavelmente. A riqueza desta figura histórica é uma oportunidade para investigarmos o riso na psicanálise em sua complexidade.

Ler as passagens nas quais aparecem as falas do *fool* em *Rei Lear* pode ser perturbador. Por mais que algumas sejam muito engraçadas<sup>3</sup>, o deboche e a escolha certa nas palavras fortes

1 LACAN, J. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 219.

2 *Ibid.*

3 Uma delas, para mim, se destaca:

*Lear* – Estás me chamando de bobo (*fool*), Bobo (*Fool*)?

*Bobo* – Você abriu mão de todos os outros títulos; esse é de nascença.

(SHAKESPEARE, W. *Rei Lear*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. Tradução de Millôr Fernandes e Beatriz Viégas-Faria. Porto

e difíceis de serem escutadas podem ganhar o destaque. A angústia pode surgir para o espectador que localiza algo da ordem da proximidade do *objeto a* nas colocações.

Há duas passagens nas quais se pode localizar algo desta dimensão e ambas se dão logo na primeira cena em que o *fool* aparece (Ato I, Cena 3), introduzindo a relevância do personagem. Uma delas é uma pergunta irônica e contundente ao Rei: “o senhor não sabe fazer nada com o nada, tiozinho?”<sup>4</sup>. A outra é uma afirmação de igual alcance: “pelo menos sou um bobo (*fool*), tu não és coisa nenhuma”<sup>5</sup>. Nota-se que as duas falas apontam para o nada.

O *objeto a* se destaca dos outros por designar uma falta que não pode ser reduzida ao significante, indicando um vazio, um nada, algo que pode ser entendido como “a falta de apoio dada pela falta”<sup>6</sup>. Dito de outro modo, a angústia é um alerta de que o sujeito está próximo do real e o perigo disto é a falta da falta que pode levar ao aniquilamento do desejo, ao nada, ao inanimado que nos sugere que toda a pulsão é morte.

Talvez tenha sido disto que Lear se deu conta: a proximidade da morte. Não tanto por sensibilidade ou perspicácia, mas por notáveis e inegáveis efeitos da idade avançada. As medidas tomadas para manter sua virilidade foram inúmeras e, como num delírio narcísico, ele se autorizou a cobrar das três filhas demonstrações fidedignas de amor incondicional. Foi Cordélia, a filha deserdada por se negar a agir de acordo com a arrogância autoritária do pai, que denunciou sua fragilidade ao sustentar que o tipo de amor que ele pretendia reconhecer nas belas palavras das filhas não existia. Ela foi, então, banida da vida e do coração do pai, que encontrou o que supunha procurar nas palavras das outras duas filhas. Assim, o reino seria dividido somente entre as herdeiras que deram as respostas adequadas aos ouvidos narcísicos do Rei.

Entretanto, Lear se recusava a abrir mão da majestade justamente por acreditar piamente na consistência de sua soberania. Dito de outro modo, acreditava na consistência do significante fálico. Foi essa crença que o consolidou na posição de déspota, mesmo tendo abdicado do grandioso exército e de todo pedaço de terra que antes constituía seu reino.

Goneril e Regana, as filhas reconhecidas pelo pai, não mediram esforços para tirá-lo de cena. As estratégias foram muitas, inclusive uma guerra foi travada: de uma lado, as duas que não mais suportavam a figura do pai e, de outro, Cordélia, que – ironicamente – foi aquela que mandou um exército para defender Lear.

Afinal, do que se pode rir nesta tragédia?

Lacan, no *Seminário RSI*, nos diz que “O falo é outra coisa, é um cômico como todos os cômicos, é um cômico triste. Quando vocês lêem Lisístrata, podem pegá-lo pelos dois lados. Rir ou achar amargo”<sup>7</sup>.

A ambiguidade está posta quando se trata do falo e pode ser isto que o *fool* acaba por encarnar.

---

Alegre: L&PM, 2009, Ato I, cena 3, p. 710).

4 *Ibid* p. 711.

5 *Ibid*, p. 712.

6 LACAN, J. *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 64.

7 LACAN, J. *O seminário, livro 22: RSI*. Aula de 11 de março de 1975. (Inédito).

## EIXOS TEMÁTICOS

## EIXO II

## O RISO E A POLÍTICA

Cartel responsável:

Sandra Arruda Grostein (+1)

Eliane Costa Dias

Emanuelle Garmes Pires

Fernando Del Guerra Prota

Magno Azevedo

Emanuelle Garmes Pires

Coube a mim a tarefa de transmitir as principais ideias discutidas no eixo político por ser jovem. Explico: esse desafio vem ancorado na perspectiva de trazer o jovem à Escola. Não sou tão jovem no RG, porém uma iniciante nas minhas conexões com a Escola. E por isso, pergunto-me sobre o lugar possível para uma política dos jovens nos tempos que correm. Como usar da linguagem para acessar os jovens, sem perder o rigor conceitual?

Uma aposta seria tratar a linguagem pela linguagem com seus próprios recursos, como nos apontou Lacan no *Seminário 5*<sup>1</sup> ao convocar os analistas a fazerem uso do chiste na sua prática.

“Não há diálogo”, “não há relação sexual”, “não há harmonia entre os sexos”, “a mulher não existe”, “o Outro não existe”, “não há como amar ao próximo como a si mesmo”, “as mulheres são as melhores analistas, quando não são as piores» - todos esses aforismas trouxeram consigo a marca da subversão e uma vocação para o cômico, em tempos em que o nome do pai ainda ordenava a estrutura social e a ideia de negociação pela palavra era possível. Hoje tais aforismas gerariam engajamento ou seriam rechaçados e a psicanálise imediatamente cancelada?

A evaporação do nome do pai nos leva ao confronto com o fracasso dos modos tradicionais de regulação do gozo. Como uma resposta à incerteza produzida pela queda da regulação da ordem fálica, surge a chamada crença identitária. Aí, sou o que penso, o que digo, como me per-



La Saga de Juanito Laguna, Antonio Berni.

1 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

cebo, negando os efeitos do inconsciente que me habita e me singulariza. Essa recusa suprime as diferenças e tenta incluir toda exceção à regra. Em consequência, a segregação emerge e tenta legislar o modo de gozo “correto”, superegóico, admissível ao grupo, pois visa “o melhor” para o indivíduo em uma comunidade de gozo e não admite que “há algo em nós que sonha, ri, fracassa (*ça rève, ça rit, ça rate*)”<sup>2</sup>. A resultante é chata, enfadonha e autoritária. É possível encontrar um efeito de humor que possa ser subversivo numa lógica assim?

A ética da psicanálise de “bem dizer o desejo”, ao incluir no campo do sujeito o desejo e as marcas de sua causa, se choca com a moral intensificada do politicamente correto. O mal-entendido da linguagem, que antes dava lugar ao riso e ao ridículo de cada um, hoje faz calar sob a aparência do “bom para todos”. Como sustentar a prática analítica, sem cair em uma idealização nostálgica de tempos passados e sem colocar a psicanálise num lugar de exceção, afastada do laço social?

De que modo podemos transmitir a psicanálise, tendo em vista que a comunidade linguística na qual se funda o chiste não é mais abrangente, não comunica mais com as massas, mas sim com comunidades de gozo, bolhas, em que muitas vezes o chiste é utilizado como um aliado de identificação maciça, fortalecendo a segregação?

“Na *Conversação com a Escola espanhola do Campo Freudiano*, por ocasião do lançamento do livro *Polêmica Política*, Anna Aromí cita Lacan e pergunta à Jacques-Alain Miller porque temos tanta dificuldade em produzir no campo político uma interpretação que produza efeitos, ou seja, que faça ondas. Miller diz, em uma primeira resposta, que é necessário correr riscos, e que sem isso, não se produzem ondas”<sup>3 4</sup>. Que nosso evento sobre o riso nos traga novas tomadas de risco e apostas!

||

### CARTA A LACAN

Magno Azevedo

Caro Dr. Lacan,

Escrevo-lhe com a certeza de ser ouvido, afinal, as cartas sempre chegam aos seus destinos, como bem disse o senhor em seu texto sobre *A carta roubada*<sup>5</sup> de Allan Poe. Sou fruto do contemporâneo, mas credor de todos os arquivos, cheguei muito depois da sua partida em 1981.

Para situá-lo um pouco nos tempos atuais, o lembraria de dois autores que certamente o senhor conheceu: o visionário Aldous Huxley e seu *Admirável Mundo Novo*, assim como aquele jovem de Chicago, nos EUA, Phillipe Dick com seu incrível *Blade Runner*. Imagino que esteja

2 LACAN, J. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora; 2006.

3 SANTOS, N. O. “O falasser político na contramão da biopolítica”. *Lacan XXI*, revista Fapol online, 2022; 12.

4 MILLER, J-A. “Conversation d'actualité avec l'École espagnole du Champ Freudien”. 2 mai 2021 (II). *La Cause du désir*. Paris: Navarin Éditeur: 2021; 109:34.

5 LACAN, J. “O seminário sobre “A carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 13-68.

nesse momento se perguntando, **“Che vuoi?”** O que quero com essa carta? Por razões de pura contingência, recebi muitos pedidos de uma Escola, Escola Brasileira de Psicanálise, Seção SP, pedindo informações das relações entre o político, o riso e sua política, ou seja, a política lacaniana. A partir dessa procura acabei construindo questões próprias. Questões que desejo dividir.

Em 1918, um jovem Lacan escreveu uma carta a seu pai onde criticava a República que, com seu **“princípio de autoridade”**, tivesse leis que pudessem determinar o estado de espírito das pessoas. Interessante como o senhor, com 16 anos apenas, dá a essas intenções da República, ares cômicos.<sup>6</sup>

Um bom início, eu diria. Toda política tem algo de ridículo, mas por quê? Talvez devêssemos fazer um retorno às causas desse riso. Aonde o senhor iria? Ao berço da nossa civilização, aos gregos. Faço a aposta que o senhor, profundo leitor da obra de Aristóteles, partiria dele em suas investigações. Fui à *Poética*, e essa leitura me levou ao seguinte: o riso como objeto é um resto de operação do cômico. Ora Dr. Lacan, na comédia os equívocos, os erros, os enganos e os fracassos imperam. Comédia, mas poderíamos chamar “O Império do Fracasso”. Ao longo de todo o seu ensino, vejo a importância do deslocamento: a imagem da criança no espelho é um deslocamento, o significante e significado são um deslocamento, o senhor e o escravo são um deslocamento, a travessia da fantasia é um deslocamento, a língua desloca a linguagem e Joyce deslocou a escrita...talvez pudéssemos falar em *diz - louca - mente*. Acompanhando o senhor, diria que nesse equívoco, nesse erro, nessa troca, a consistência imaginária fracassa e o absurdo ganha vida nas bocas que se adulteram, ganhando um traçado chamado riso. O corpo aliás é algo profundamente cômico, ou melhor, nossa relação com o corpo. Algo risível entra em jogo quando o homem confunde seu corpo entre ter e ser.

Peço desculpas por me perder em tempos tão longínquos como o de nosso estimado Ulisses e não cumprir com minha promessa inicial de deixá-lo a par desses novos tempos. Por onde começar? *O fim da história!* Com esse título, Fukuyama<sup>7</sup> entendeu a grande Spaltung geopolítica que, infelizmente, o senhor não pôde acompanhar: a queda do muro de Berlim e, com isso, o traçado de um litoral, de uma demarcação que, até então, víamos com clareza no mundo político...boom! Aquele mundo de dois blocos implodiu, se esfarelou frente aos nossos incrédulos olhos. O mais de gozar, o neoliberalismo, o desenfreado e o sem limites da busca do objeto entram em cena e não nos abandonaram desde então. O mundo das grandes narrativas (do seu conterrâneo Lyotard) vai sumindo de nossos olhos com uma velocidade estonteante e com uma fragmentação jamais vista. Nossas fronteiras, nossos limites, tornam-se espaços despejados do mundo. O centro, o núcleo, o eixo, ah! caro Lacan, esses significantes todos vão sendo varridos, um a um, para longe de nossos dias e se tornam chacota nesses tempos de pós-verdade. O melhor disso está por vir. Posso imaginar, nesse instante, seu sorriso maroto de canto de boca dizendo: “Jura?” Sarcástico, ou, como o Sr. mesmo diz em seu texto *Televisão*: **“quanto mais santos mais rimos, é meu princípio, e até mesmo a saída do discurso capitalista – o que não constituirá um progresso se for somente para alguns”**.<sup>8</sup> O que adveio desse fim da história é algo quase apocalíptico; eu, por exemplo. O fim dos ideais, com esse desaparecimento de uma

6 LACAN, J. “Lettre de Jacques Lacan à son père” [1918]. *Lacan Redivivus*. Paris: Navarin éditeur, 2021, p. 150.

7 FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

8 LACAN, J. “Televisão”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 519.

norma para todos, fez o humor ou riso, e tudo que seja da ordem do *Witz*, perder um caráter de universal; vivemos as bolhas de um identitarismo voraz, feroz, que só ri da sua “paróquia”, como o senhor previu. Sim Dr. Lacan, o senhor estava correto.

Respeitável público!

Sejam todos muitos bem-vindos ao mundo do equívoco! Eis o senhor da Comédia! Desde os iniciáticos ritos satíricos, que gargalhavam das imagens fálicas, a terra de Zeus nos brindou com os tropeços, os erros e os excessos que deram no que se nomeia Comédia. O mundo dos vícios dos homens, das suas paixões, das suas tentativas de gozar de algo como se não houvesse mais nada a fazer no mundo, a não ser fracassar nas suas vãs tentativas de aspiração social ou espiritual, é o universo do cômico. No circo contemporâneo, será o cômico, como o sem limites, o exagero, os vícios, uma possível leitura dessa avalanche mortífera que invade os corpos no mundo atual e nos confronta com uma clínica do excesso?

Eis o nosso picadeiro!

Como disse o Sr. no seu texto *A Terceira*, só assumindo o bufão ou o clown podemos estar mais dignos nesse mundo cão, desse nosso *i-mundo*, nudo, cruado, bruto, i-mundo.<sup>9</sup>

O que o Sr. não viu foi a evolução dos gadgets, dessas pequenas máquinas que chamamos de smartphones, não tão espertas como eu, mas que se tornaram máquinas infernais de edição tão poderosas que vivemos sob a égide de novos termos que não fazem parte do mundo que o Sr. conheceu. São os cancelamentos, os memes, as paródias, as trolagens. Todos esses elementos de uso contemporâneo são mecanismos que produzem riso a partir da maquinaria da comédia, essa que vive de um autômato *nonsense* e de suas tolas intenções. O mundo contemporâneo, Dr. Lacan, evapora o centro, e com ele, o pai. Estamos em uma Divina Comédia, como o Sr. mesmo nos alerta em seu texto *O Aturdido*: **“que nada pode ser dito “a sério” (ou seja, para formar limite de série) senão extraíndo sentido da ordem cômica, a qual não há sublime (ver Dante, mais uma vez) que não reverencie.”**<sup>10</sup> Sim, o cômico, a série, o sério. O Sr. retorna a Dante novamente, no seu *Seminário 24*<sup>11</sup>, retorna ao lugar aonde todos vão para o inferno, onde todas as intenções são fadadas ao fracasso; não há intenções boas e más, todas as intenções só têm um fim: o fracasso. O cômico na política sempre recai no riso absurdo de se tentar organizar o mundo e dar-lhe forma; a partir dessa fórmula, todas as intenções são fracassadas e risíveis.

Talvez por isso no passe, essa invenção sua e da sua Escola, impere essa forma de chiste, de espanto, de surpresa, de algo que sai dessa série e, nessa separação, algo acontece. Pá! Um sus-to, um corte, na série.

Mas o riso também continua a ocupar um lugar de opressor na história. O riso também ocupa o lugar do rancor, da inveja, da malevolência na vida dos homens e em seu habitat político. É o riso da *Schadenfreude*, a alegria de ver a desgraça alheia, que o Dr. Freud viveu e deu o tom com sua famosa ironia ao dizer que após ter sido expulso da Áustria, com o caminhão esperando que

9 LACAN, J.; MILLER, J-A. *A Terceira / Teoria de lalíngua*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

10 LACAN, J. “O Aturdido”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 489.

11 LACAN, J. (1976-1977) *Le séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Aula 9, de 8 de março de 1977 (Inédito).

ele e sua família saíssem imediatamente, “indicaria os bons serviços prestados pela Gestapo”. O riso relativiza os tiranos quando os coloca em situações banais como fez Chaplin com seu Hitler brincando com o globo terrestre inflável, ou, os aloprados gerais russos e americanos que Stanley Kubrick retratou em “Dr. Fantástico”. São exemplos de como podemos esquecer que a humanidade corre o risco de desaparecer nas mãos dos nossos políticos e de alguns cientistas.

Caro Dr. Lacan, o mundo está muito próximo do que o senhor havia previsto quando disse: **“o que vem aumentando, o que ainda não viu suas últimas consequências, e que, por sua vez, se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo”**<sup>12</sup>. Recentemente um jovem de 21 anos, Vini Jr., jogador de futebol brasileiro que joga no Real Madrid, foi hostilizado por um estádio inteiro o chamando de “macaco”. Aos que estavam presentes no estádio e assistiam a esse grotesco ato, tivemos o que podemos chamar de “riso cúmplice”, um riso muito presente atualmente, um riso que opera como opressor, um riso que vai no uso do Universal e destitui de valor qualquer Particular; um riso que tem como função humilhar, destruir, usar o pior do imperativo do significado com uma única intenção: destruir o outro.

É essa ironia a que ganha contornos linguísticos na obra do dramaturgo irlandês Samuel Beckett. Em sua peça, *Dias Felizes*<sup>13</sup>, o Sr. deve se lembrar, uma personagem está enfiada até a cintura em um buraco e, dali, desse buraco, ela reflete sobre seus dias e sempre acorda com uma luz amarela escaldante dos refletores do teatro ou do sol de um deserto para dizer: “Que dia mais feliz! Mais um! Mais um dia feliz!”. O Coro, os espectadores, riem diante desse infortúnio, riem dessa condição humana de um desesperador refúgio na linguagem.

Seu nome é uma ironia sem precedentes já que se chama Winnie, ou seja, a vencedora, a pequena vencedora. Beckett avança com sua ironia do pós-guerra para o campo do niilismo, do tragicômico. Não há saída, há que se continuar.

Por fim, me despeço do Sr. lhe dizendo quem sou. Sou o riso diabólico, o riso sardônico, o riso do excesso de todos os excessos, sou o riso do fim da escrita pois nada mais se escreverá sem meu uso, nada mais será escrita pois só restará o reescrito, sou o riso de um final que encerra a pretensão de todos os sentidos.

Cordialmente, sigo a disposição.

Chat GPT.

---

12 LACAN, J. (1971-72) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 227.

13 BECKETT, S. *Dias Felizes*. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#### JACQUES LACAN

LACAN, J. *Le séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Aula 9, de 8 de março de 1977 (Inédito).

LACAN, J. "O seminário sobre "A carta roubada"" in: *Escritos*. Rio de Janeiro: 1998, p. 13 e 68.

LACAN, J. *O Seminário livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. "Televisão". In: *Outros in: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 519.

LACAN, J. "O Aturdido". In: *Outros in: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 489.

LACAN, J. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2006.

LACAN, J. *O Seminário livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 227.

LACAN, J.; MILLER, J-A. *A Terceira; Teoria de lalíngua*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

#### JACQUES-ALLAIN MILLER

MILLER, J-A. "Conversation d'actualité avec l'École espagnole du Champ Freudien". In: *La Cause du désir*. Paris: Navarin Éditeur, 2021.

MILLER, J-A.; e ALBERTI, C. "Carta de Lacan a seu pai, 1918". In: *Lacan redivivus*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 220.

#### OUTROS AUTORES

BECKETT, S. *Dias Felizes*. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.

FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015

SANTOS, N. O. "O falasser político na contramão da biopolítica". *Lacan XXI, Revista Fapol* online, 2022.

## ESP DE UM RISO

Marisa Nubile

Associada ao CLIN-a

Participante da comissão de referências bibliográficas

(...) há uma relação muito intensa, muito estreita, entre os fenômenos do riso e a função do imaginário no homem. A imagem tem, como tal, um caráter cativante, que vai além dos mecanismos instintivos que lhe são correspondentes, como evidência a exibição, seja ela sexual ou de combate. A isso vem somar-se, no homem, um toque suplementar, que se prende ao fato de que a imagem do outro, para ele, está muito profundamente ligada à tensão de que falava há pouco, e que leva a que ele seja colocado a uma certa distância, conotada de desejo ou hostilidade. Nós o relacionamos com a ambiguidade que está na própria base da formação do eu e que faz com que sua unidade fique fora dele mesmo, com que seja em relação a seu semelhante que ele erija, e com que ele encontre aquela unidade de defesa que é a de seu ser como narcísico. É nesse campo que o fenômeno do riso deve ser situado.<sup>1</sup>

Lacan retoma a ambiguidade da relação dual com o semelhante (desejo e hostilidade) que está na base da formação do próprio eu. O riso eclode, diz Lacan, numa “libertação da coerção da imagem”<sup>2</sup>, ou seja, quando aquilo que se supunha encontrar na bela forma é, de alguma maneira, descontinuado. Nesse sentido, ele dá o exemplo do riso produzido quando vemos alguém levando um tombo.

Como podemos observar, o riso enquanto fenômeno, está neste momento do ensino de Lacan, essencialmente relacionado à dualidade imaginária, não sem que o simbólico esteja implicado. Mesmo que seja uma concepção datada, parece interessante retomar o riso por esse viés, uma vez que ela nos remete à formação do eu e ao narcisismo, como ele mesmo pontuou no verbete selecionado.

Lembremos que em seu texto princeps *O estádio do Espelho*<sup>3</sup>, de 1949, Lacan faz referência à



Confuse, Linda Vachon.

1 LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 136-137.

2 *Ibidem*, p. 137

3 LACAN, J. “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 96

assunção jubilosa da criança diante da imagem especular. Nos anos seguintes ele trabalhará a questão da formação do Eu ideal, ideal do Eu utilizando vários esquemas óticos. No Seminário da *Angústia*, ele retoma, mais uma vez, a experiência do espelho ressaltando a constituição do ideal do Eu no espaço do Outro simbólico exatamente no momento em que a criança vira a cabeça para o Outro “a fim de comunicar com um sorriso as manifestações de seu júbilo por alguma coisa que a faz comunicar-se com a imagem especular”<sup>4</sup>.

Há uma potência do olhar, para o melhor e o pior. Há o júbilo diante da imagem unificada do corpo, mas o olhar no espelho pode também ser angustiante uma vez que esta totalidade tem um limite. Há um resto, um menos não especularizável.

---

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 10 – a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005, p. 135

## ESTÃO FAZENDO ARTE

### FALAR COM ELA?

James Alberto de Moura Valeriano  
Associado ao Clin-a  
Participante da Comissão de Arte e Cultura

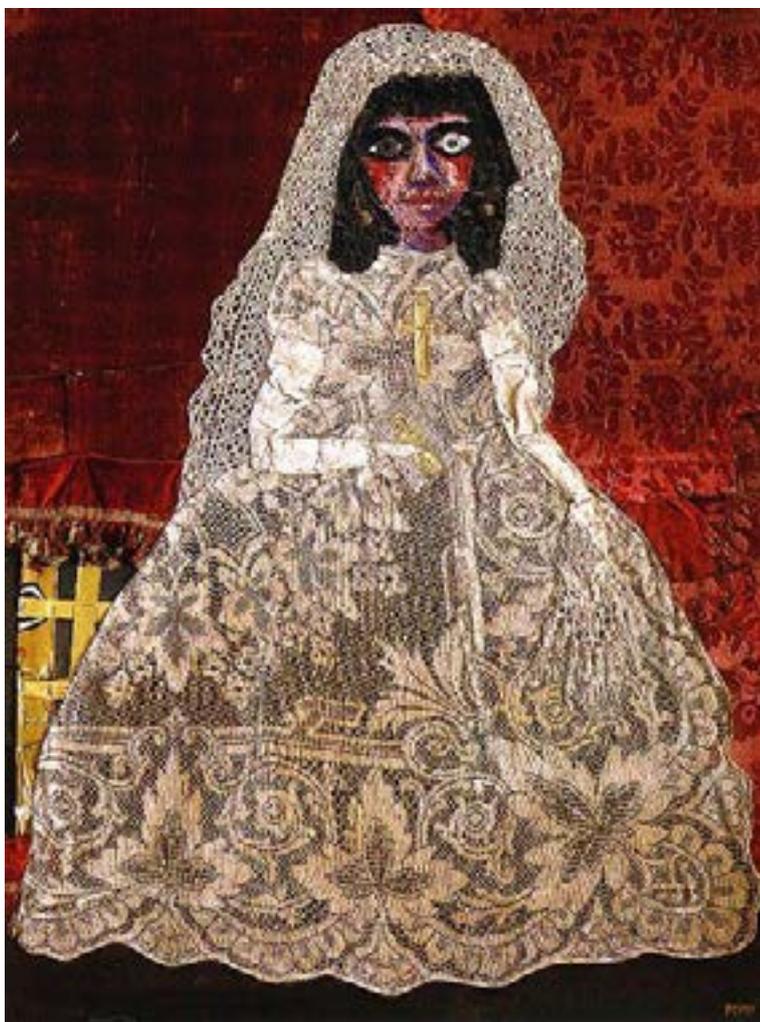
No Eixo temático 1 “Só Risos?!”, das XII Jornadas da EBP-SP: R.I.S.o, algumas perguntas são lançadas: como localizar o riso em uma análise e qual sua função?

Uma vez que a arte interpreta e transmite o que se passa na cultura de seu tempo, o que inclui certamente o mal-estar e os modos de gozo, e podendo o psicanalista se servir dela a partir de seu “saber ler de outra maneira”<sup>1</sup> o que essa interpretação traz, seria, assim, possível avançar na proposta desse eixo de investigação a partir do cinema? Particularmente, do cinema do diretor Pedro Almodóvar?

Podemos inferir que no cinema almodovariano (sim, ele se tornou um adjetivo, constituiu um modo próprio de organizar os semblantes – como da mascarada, da comédia do falo – para apontar para o caráter perverso do desejo, dizer do indizível e, portanto, da não relação sexual) há uma promoção de um *witz*, tendo como resto da experiência do encontro com essa arte, o fenômeno do riso em suas variadas acepções – o riso nervoso, sobretudo diante da falta, o riso do espanto, o riso da ironia? Vejamos...

Sabemos que uma paródia é uma forma narrativa que, mais antiga que a novela e diferente da ficção, não põe em dúvida o Real<sup>2</sup>. E Almodóvar vai se valer dela para expressar certos elementos da cultura.

Lacan faz referência ao *witz*, conceito freudiano que não quis traduzir ao longo de todo o seu ensino, admitindo a condição tragicômica do sujeito, uma vez que a tragédia e a comédia não são incompatíveis<sup>3</sup>.



La comunión de Ramona, (1962), Antonio Berni.

1 MILLER, J. A. Os trumains - Apresentação do tema do VII Congresso da AMP. In: *Revista Opção Lacaniana* 52, p. 9.

2 MACEDO, L.F. *Primo Levi, a escrita do trauma*. Rio de Janeiro: Ed. Subversos, 2014.

3 LACAN, J. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1997, p. 376.

Do Seminário VI, de Lacan, trago um recorte de como ele articula comédia e psicanálise, que muito nos remete ao cinema de Almodóvar:

Mas a comédia, por sua vez, é um apanha-desejos muito curioso. Cada vez que uma armadilha para desejos funciona, estamos na comédia. É o desejo que aparece ali onde não se esperava. O pai ridículo, o devoto hipócrita, o virtuoso às voltas com um caso adúltero, é com isso que se faz comédia. É preciso haver esse elemento que faz com que o desejo não se confesse. Ele é mascarado e desmascarado, escarnecido, punido conforme o caso, mas é só aparência, pois, nas verdadeiras comédias, a punição nem mesmo roça a asa de corvo do desejo, que escapa absolutamente intacta (...). O desejo, na comédia, é desmascarado, mas não refutado<sup>4</sup>.

Proponho o filme “Fale com Ela”<sup>5</sup> para esta reflexão, pois há um impossível, uma ironia colocada desde o título. Como falar com ela, que está absolutamente adormecida, em coma?

Não será o único filme de Almodóvar em que um corpo quase morto surge. E, como no dizer de um dos personagens do diretor, “não é fácil se livrar de um corpo”<sup>6</sup>.

Nesse filme, temos uma bailarina – e seu corpo em um estado inerte, vegetativo –, cuidada por um enfermeiro chamado Benigno. Um cuidador benigno? Almodóvar planta encontros improváveis, filma com seu “El Deseo” (nome de sua produtora) o laço desse cuidador benigno com sua amada adormecida. Ele só fala com Ela, pois supõe ali que é escutado e que é amado... E que amante nunca supôs no outro um saber? Nesse enlace de puro imaginário, Benigno toma o corpo inerte como objeto do seu amor.

Após essa passagem ao ato, Benigno desaparece, sucumbindo ao corpo feminino dormente. Em poucas palavras, seu único amigo, Marco, afirma: “Benigno é inocente!”. De que inocência se trata?

O fato é que, após o ato, surpreendentemente, a bailarina passa a gerar uma vida e desperta do estado de coma!

A síndica fofoqueira do apartamento que nosso anti-herói morava, ainda se espanta, junto ao amigo do tolo Benigno, nem querendo saber sobre a causa do crime: Por que razão a transgressão de Benigno não tinha gerado repórteres no prédio?

Em uma frase, Benigno localiza sua posição subjetiva quando, em um golpe de espanto, revela para seu amigo Marco que deseja casar-se com a bailarina em coma: “eu não tenho nada, invento tudo”.

Miller, em “Gays em análise”, esclarece-nos sobre o mais além do Édipo:

Evocamos a palavra espirituosa de Lacan, la père-version. O que quer dizer, exatamente, père-version? Eu a compreendo assim: esse “witz” de Lacan é uma zomba-

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2016, p. 443.

5 FALÉ com ela. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: El Deseo S.A. Espanha, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxz69FEaW-I>. Acesso em: 06 jun. 2023.

6 A FLOR do meu segredo. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: El Deseo S.A. Espanha, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9z80RWJNr0I>. Acesso em: 06 jun. 2023.

ria do Édipo. O Édipo clássico era o que opúnhamos à perversão, que não havia norma, ou que a dita norma era da mesma natureza que a perversão. A via edipiana era voltar para o pai enquanto se ocupa de uma mulher, para barrá-la e, também, para se embaraçar com ela.

Para Lacan, dizer *père-version* – depois de ter formulado, desde o começo dos anos sessenta, que o termo perversão era simplesmente “ridículo” – é classificar o Édipo como uma forma de perversão. É o fim do privilégio do Nome-do-Pai<sup>7</sup>.

Benigno fala com sua amada e faz do corpo dela um corpo vivo, revelando assim seu modo de gozo mais além do Édipo. Dessa forma, estaria esse incrível cineasta a altura do seu tempo, fazendo passar, pela via do *witz* para alguns, o caráter mais ilegal, mas não ilegítimo, do desejo?<sup>8</sup>

---

7 MILLER, J.A. Gays em análise? In: *Revista Opção Lacaniana* 47, p. 15.

8 *Ibid.*

## ACONTECE NA CIDADE

*Comissão de Acolhimento*

“A coleção Imaginária de Paulo Kuczynski”, com curadoria de Jacopo Crivelli Visconti, se configura num panorama completo da arte brasileira durante o século XX. Com mais de duzentos trabalhos, como Alfredo Volpi, José Pancetti, Lasar Segal, Lygia Clark, Adriana Varejão e tantos outros.

Paulo Kuczynski é um marchand que iniciou sua trajetória a partir de duas lindas fachadas de Volpi que lhe foram conferidas para vendê-las. Paulo havia se encantado pelas obras, mas diante da impossibilidade de adquiri-las, sabia que teria que vendê-las. Foi o que traduziu como “vivência inaugural de um sofrimento de despedida e separação”. No entanto, o trabalho como marchand lhe mostrou que as obras acabam voltando fisicamente, como se tivessem trajetórias próprias.

Ao dar conta da sua questão “Colecionar ou vender?”, Kuczynski, guiado pela sua paixão, apresenta a sua coleção imaginária. Um recorte pessoal das diversas obras que atravessaram a sua trajetória de quase 50 anos de marchand-colecionador.

Aos olhos atentos psicanalíticos, propomos o destaque às seguintes obras: “A composição Onírica” (1922) de Antônio Gomide; “O vaso de copos de leite” (1930) e “Arlequins” (1943) de Di Cavalcanti; as esculturas “O Impossível” (1945) de Maria Martins e “O Antes é o Depois” (1960) de Lygia Clark. Haveria tantas outras obras a citar, mas, ao invés disso, preferimos deixar aqui o convite para comporem os seus próprios acervos imaginários desta exposição.



Arlequins (1943), de Emiliano Di Cavalcanti

### Informações

“A coleção Imaginária de Paulo Kuczynski”

- Instituto Tomie Ohtake
- De 20 de maio a 13 de agosto de 2023.
- De terça a domingo, das 11h às 20h.
- Entrada franca.

### RSRSRS



Facebook: psitiras